

The background of the cover features a close-up, shallow depth-of-field photograph of an open book. The pages are aged and yellowed. A pair of round, tortoiseshell-rimmed glasses with thin temples is resting on the pages of the book. The lighting is warm and soft, creating a scholarly and historical atmosphere.

Filadelfo Borges de Lima

ARQUIVOS RIO-VERDENSES

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ARQUIVOS RIO-VERDENSES

A black and white photograph of several open books. The books are arranged in a way that creates a sense of depth, with some in the foreground and others receding into the background. The pages are slightly blurred, suggesting movement or a shallow depth of field. A pair of round-rimmed glasses with dark frames and clear lenses is resting on the pages of one of the books in the foreground. The overall composition is clean and academic, with a focus on the text and the tools of learning.

Filadelfo Borges de Lima

ARQUIVOS RIO-VERDENSES

EDITORA RECANTO das LETRAS

© **Filadelfo Borges de Lima**

Editora Executiva: Cássia Oliveira

Projeto gráfico e Diagramação: Denes Miranda

Impressão e Acabamento: Forma Certa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Andreia de Almeida CRB-8/7889

Lima, Filadelfo Borges de

Arquivos Rio-verdenses / Filadelfo Borges de Lima.

Sorocaba : Recanto das Letras, 2018.

96 p.

ISBN: 978-85-69943-75-4

1. Crônicas brasileiras 2. Memória autobiográfica

3. Rio Verde (GO) - Memórias I. Título

18-0365

CDD B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Rio Verde (GO) : Crônicas

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

Rua Laura Barbero Shimmelpfeng, 260 - Sorocaba - São Paulo

www.recantodasletras.com.br/editora

editora@recantodasletras.com.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita do autor.

Agradecimento a Deus pela vocação de memorialista e pela maravilhosa família que me dá prazer em viver: Ilsa, esposa; nossos filhos Joaquim, Patrícia e Fernando; Patrícia (nora, homônima da cunhada) e Larissa (nora, esposa de Fernando), Avelino Júnior (genro), Mariana (neta, filha de Joaquim e Patrícia), Davi (neto, também do leito Joaquim e Patrícia), Eloá (neta, filha de Fernando e Larissa).

Agradeço o apoio e orientação ao meu primogênito Joaquim Borges de Oliveira Neto. Orientou-me com amor e sabedoria. Deus lhe pague.

ÍNDICE

Bibliografia De Filadelfo Borges De Lima	7
Prefácio	9
Capítulo I - Dr. Vicente Guerra	13
Capítulo II - Dr. Octacílio Pessoa Mendes	19
Capítulo III - Professor Antônio Edson Guerra	28
Capítulo IV - Rio Verde Em 1973	31
Capítulo V - Professora Zilda Pires Da Silva Teixeira	38
Capítulo VI - Rioverdense E Rio-Verdense	43
Capítulo VII - Dr. Benjamim Spadoni, Cidadão Honorário ..	45
Capítulo VIII - Obrigado, Célio Jaime!	53
Capítulo IX - Pastor Nerivaldo Ataídes Da Silva	55
Capítulo X - O Garganta De Ouro	61
Capítulo XI - Saudade Do Bairon E Do Mauro	64
Capítulo XII - Dr. Moisés Vieira Clemente	66
APÊNDICES	70
Capítulo I	71
Capítulo 2	76
Capítulo 3	78
Capítulo 4	79
Capítulo 9	82

BIBLIOGRAFIA DE FILADELFO BORGES DE LIMA

- 1 - Os Coronéis da Política
- 2 - César Bastos Vida e Obra
- 3 - Cartas na Mesa
- 4 - Folhas Esparsas
- 5 - Aconteceu na Canguçu
- 6 - Maçons & Maçonaria 60 Anos de História da Loja Maçônica
Estrella Rioverdense 1936-1996
- 7 - Veredas Rio-Verdenses
- 8 - Crônicas Rio-Verdenses
- 9 - Crônicas da Colmeia
- 10 - Jataí do Meu Tempo
- 11 - Jataí Minha Paixão
- 12 - Síntese dos prefeitos Rio-Verdenses (de Martins Borges a
Nelci Spadoni)
- 13 - Prefeitos de Jataí, de Raimundo do Prado a Humberto
Machado (1930-2000)
- 14 - Lauro Martins
- 15 - Iron Nascimento
- 16 - Síntese Histórica do Sindicato Rural de Rio Verde
- 17 - Universidade Maçônica Estrella Rioverdense (coautoria de
Márcio Bonifácio Guimarães)

18 - Valem Alguma Coisa Estas Páginas?

19 - Baús Rio-Verdenses

20 - 60 Anos Câmara Municipal de Rio Verde¹

21 - Paulo Campos - Vida em Obra – em fase de conclusão

¹ Cobriu o período de 1947 a 2007. A Câmara publicou uma segunda edição na qual copiou todo o trabalho e acrescentou até 2014, sem autorização deste autor e sem sua participação na segunda parte.

Filadelfo Borges de Lima colabora, há anos, com jornais diversos, notadamente de Rio Verde, onde reside. Atualmente, escreve, semanalmente, no “Diário da Manhã”, da capital do Estado de Goiás. Maior participante de “Cartas dos Leitores” de “O Popular”, também de Goiânia.

PREFÁCIO

Sob a égide maior de que nada neste mundo vive e se constrói, senão às sombras das Leis que regem o universo na formação da inteligência positiva do homem, semeando esperança no laborioso campus do intelecto, procura o autor de “ARQUIVOS RIO-VERDENSES” instigar interesses às suas publicações, como forma de estimular o gosto pela leitura como fonte do saber. Às crônicas e perfis reunidos neste volume, escritos de acordo com diferentes épocas, sucedem-se as páginas como em memorial autobiográfico, perfeita historiografia de fatos e acontecimentos relevantes, intercalados no passado do Município de Rio Verde, recheados de perspectivas alucinantes e alvissareiras, ricas de conhecimentos históricos, cujo tratamento vai muito além da descritiva circunscricional, para alçar a voo a cosmovisão, tão sensível ao movimento da opinião pública.

Na essência do seu conteúdo, deliberadamente atento o escritor conta história de homens e mulheres muito especiais, que dedicaram suas vidas em personificar propósitos e acontecimentos que marcaram o tirocínio de personagens e protagonistas dos mais diversos matizes, formadores de um contexto variado de depoimentos e testemunhos prestados por vultos extraordinários, que muito contribuíram para o avanço vertical dos mundos da ciência, artes e letras, consolidados com o alto padrão de desenvolvimento urbano do nosso Município.

O caráter singular dos escritos, diferenciados dos demais cronistas, tem aspecto distinto e harmônico, o que torna a leitura uma sinfonia apaixonante, um irrecusável convite para adentrar suavemente a cada capítulo, simetricamente inspirado na fluidez das mais fortes emoções.

Em tese, pode-se afirmar que as páginas desta compilação literária são locais de encontro e reencontros distintos, transcritas cuidadosamente para relacionar fatos, não pela ordem cronológica, mas pelo que eles acrescentam no pulsar do seu sentir, de semelhança, de afinidade, de evocação, conforme a tendência contemporânea onde ocorrera cada episódio.

Os fatos falam por si. Deles desfilam líderes, profissionais altamente qualificados, voluntários, políticos poderosos, autônomos, gestores, religiosos, desportistas, gente de elite ao lado de pessoas comuns, atos marcantes aparelhados com cenas do dia a dia, uma verdadeira conjunção de valores ungidos pelo desejo de alcançar a forma mais próxima de revolucionar a cultura, os hábitos, os costumes e a qualidade de vida instituída naqueles primórdios. - diga-se de passagem, bem diferente do que vem acontecendo nos dias atuais.

Situando o seu biografado, torna-se desnecessário dizer que o tom desta coletânea é o engajamento presente em todo registro de memória, refletido da altivez e dimensão de personagens audaciosos, pessoas incomparáveis, que qualquer tentativa de expressar com palavras seus valores aquilatados, seria muito pouco diante do enlevo, da coragem e magnitude de seus feitos e suas atividades múltiplas.

Deliberadamente atento e prudentemente sensível, somente um arrojado autobiográfico, sabidamente cultor da memória de sua terra, tal qual a cepa do escritor FILADELFO BORGES

DE LIMA, estaria apto e capaz de remover da corrosão infalível no túnel do tempo, vitais lembranças da história e, especialmente a história dos compromissos outrora firmados por uma multiplicidade de vozes de todos os cantos, que ao entrelaçar vida e memória, plantaram boas sementes da árvore do amor, na certeza da colheita farta preposta para o futuro.

Com mais esta publicação denominada “ARQUIVOS RIO-VERDENSES” o que pretende FILADELFO BORGES DE LIMA, neste atual espaço literário de sua lavra e autoria?

Vocacionado para a arte de escrever, FILADELFO BORGES DE LIMA, baluarte “honoris causa” de grande valor, liderou a criação da ACADEMIA RIO-VERDENSE DE LETRAS, ARTES E OFÍCIOS, fundada em 13 de novembro de 1994, onde se afigurou eleito como seu primeiro Presidente e, também de igual tamanho comandou a fundação do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE RIO VERDE. Confrade de tantas tertúlias acadêmicas, também pertence à confraria dos Maçons da LOJA ESTRELLA RIOVERDENSE, primorosa instituição filosófica, filantrópica e social, lembrando ainda, que em toda ocasião se houvera não apenas com competência, mas com irrepreensível lisura.

De começo, pode-se afirmar que a vida do escritor, historiador, analista político, cronista, romancista, bibliógrafo e comentarista esportivo, para economizar adjetivos, FILADELFO BORGES DE LIMA, foi bem uma reta traçada entre sua terra natal Jataí (GO) e o município de Rio Verde, com pequenas variantes. Nesta trajetória do destino, nenhum hiato, nenhum claro, nenhum vazio se lhe nota em todo percurso que o coloca de per-meiço naqueles dois extremos.

Como homem, sempre deu prova substancial de cidadão

digno e honrado, modelar chefe de família, esposo exemplar e pai amoroso. Fiel às suas convicções, eficiente e zeloso, admirado e cortejado por todos aqueles cujo convívio se fizeram privilegiados, sempre esteve direcionado para bem servir ao próximo, em cultivar a filantropia, amar a Deus, defender a liberdade, despojado de qualquer interesse que não seja ditado pela inspiração e o gosto de escrever com a consciência moral que esta arte exige. Prudente e emotivo costuma elaborar seus escritos com indulgência, com ardor, com realce, com tanta dedicação que não é raro chegar às lágrimas, o que o torna um dos escritores mais lidos do interior brasileiro. Generoso, reservado, sisudo, ele nunca perdeu tempo com holofotes ou brilho em colunas sociais. De hábitos simples e luz própria, sempre chamou atenção por sua pertinácia e afinidade com a literatura, rendendo-lhe diuturnamente, seguidas comendas, condecorações, medalhas de honra ao mérito e consagradas homenagens oriundas dos mais distantes rincões.

Quanto a nós, leitores assíduos, não é de hoje que nos sentimos atraídos para a figura do extraordinário criador desta epopeia, literato inexcelsável no devotamento a arte de escrever mais e cada vez melhor, modelo de vida que faz lembrar os misteriosos cavaleiros andantes, cuja existência e cujas obras, a fértil imaginação houvesse exibido a Rio Verde e também ao Brasil para o respeito de nossa geração e as gerações vindouras.

Enfim, com esta grandiosa coletânea de valores intrínsecos e de real grandeza, o autor visualmente concita o leitor a uma reflexão mais profunda, sobre a saga de heróis que não mediram esforços e nem tampouco escolheram caminhos para fazer de Rio Verde, o município mais importante do Sudoeste Goiano.

CAPÍTULO I

Dr. VICENTE GUERRA

Início este capítulo na manhã de quinta-feira, 28 abril 2016. Quase meio-dia e desde primeiras horas desta manhã fria me encontro a pelear para produzi-lo. Ele aborda pequena parcela da vida do médico e coronel aposentado da Polícia Militar de Goiás identificado no título. Redijo e cancelo, recomeço e anulo. Este é o terceiro ou quarto recomeço e creio que definitivo, porém, mais correções poderão vir. Coleta de informações se abriu na tarde de ontem, na sua residência plantada na Pedro Rattes, esquina com Major Oscar Campos, vizinhanças da Receita Estadual e a poucos metros acima da praça Frederico Jayme¹. Conhecemo-nos na década de 1970, depois que me transferi, com a linda família (que aqui aumentou e que os Céus me deram), para Rio Verde, em setembro de 1973 (viera sozinho em agosto “pra arrumar as coisas”). Nossos primeiros contatos pessoais ocorreram no consultório do “Hospital Santa Terezinha”, na condição de paciente seu. Da sociedade e do corpo clínico desse tradicional estabelecimento fazia parte o Dr. Edsel Emrich Portilho, o popular Dr. Checo ou simplesmente Checo, um dos meus amigos mais próximos, venerável da loja maçônica na época da minha iniciação². Achei simpático o Dr. Vicente e me agrada com ele prostrar. Na pauta, variedades, inclusive futebol. Ele, Fluminense desde 1946; eu, Fluminense desde 1956. Ele, uberlandense da época da rivalidade Uberlândia e Uberaba, no Triângulo Mineiro; eu, jataiense daqueles dias de rivalidade Jataí e Rio Verde, sudoeste goiano. Em 1946, Fluminense campeão carioca. Em 1956, Vasco da Gama se sagrou campeão; Fluminense, vice-campeão (1.º turno, Vasco da

Gama 3 x 2 Fluminense; 0 x 0 no retorno). Ele sabe a escalação do nosso Tricolor no ano de 1946 (ano da primeira Constituição pós-Estado Novo), este escriba sabe à pertinente a 1956 (posse, 31 janeiro, do Juscelino na Presidência da República; João Goulart, vice-presidente).

Jerônimo Guerra, seu pai, nasceu em Monte Alegre de Minas no último ano do quadriênio do presidente Prudente, 1898, e com 92 janeiros faleceu. Deodorina Alves Guerra, sua mãe, natural de Tupaciguara, pereceu dia 20 de agosto de 1944, deixando seis filhos, o mais novo saíra do ventre no mesmo ano, dia 13 de janeiro. Antônio Edson Guerra o seu nome. Amamentava-o quando expirou. Odélio Guerra, Vicente Guerra, Célia Alves Guerra, Alfredo Guerra e Gicelda Guerra os outros órfãos (Alfredo testemunhou o óbito materno). Excetuando-se o primogênito, concluíram curso superior. Célia, Pedagogia; Alfredo, também conhecido por Guerrinha, Biologia; Antônio, Letras; Vicente, como está dito, é médico. Gicelda, quando estudante pranteava de medo da Matemática, em Matemática se diplomou e lecionou. Todos fixaram residência em Rio Verde.

Odélio deixou estudos para ajudar o pai não apenas a manter o lar, mas abrir futuro para os irmãos, pois materialmente pobre era o senhor Jerônimo. Foi ele, ou seja, o senhor Jerônimo, guarda-livros e funcionário público. Certa vez, associou-se ao Jacy, seu irmão, para montar casa de jogos.

Façam apostas, senhores! Movia-se a roleta e valiosas quantias em dinheiro mudavam de bolsos. Quantas lágrimas rolaram na ilusão do jogo, quantas ruínas econômicas se feriram. Dono da banca jamais perdia. Como popularmente se diz, raparam o cofre, queimaram as últimas moedas em vão porque à ilegalidade se jogou o jogo. Isso ocorreu sob a presidência do Gaspar Dutra, eleito

pelo PSD no dia 2.12.1945 sucedendo ao Linhares, empossado de 31.1.1946 e sucedido por Getúlio dia 31.1.1951. As marcas do período Dutra foram essa e a extinção do PC do B, fundado em 1922, primeiro partido político nacional do País.

Perderam a pecúnia, restavam-lhes saúde e vontade para trabalhar. O irmão, que com ele tivera esse grande prejuízo, não tinha filhos e era solteiro. Aliás, Jerônimo tinha seis irmãos, somente ele se casou e gerou. Um dia o prefeito de Tupaciguara, vendo que bem legível era sua letra, o convidou para ingressar no serviço burocrático do Executivo, e ele o fez. Embora pequeno, o salário contribuiu no sustento do lar. Viúvo antes de alcançar 50 anos, uniu-se à senhora Adélia, mãe de uma menina gerada com seu marido que Deus levara. Com Jerônimo não teve filhos. Disse-nos Dr. Vicente que não conheceu pessoa tão bondosa e humilde quanto dona Adélia, grande ajudadora do novo companheiro e dos enteados. Amava-os, verdadeira a recíproca.

Vicente e seus irmãos não se olvidaram também da costureira Jandira, tia paterna deles. Morava em Uberlândia, estimada por todos. Grande a sua clientela. Máquina, linha, agulha, tesoura; media, cortava, produzia a peça de acordo com o desenho que lhe fora solicitado. À disposição das freguesas, exemplares de revistas especializadas em modelos.

- Quero este!

Jandira o produzia. Encomendas não lhe faltavam. Solteira, passou a ajudar o irmão a cuidar dos filhos porque assim lhe determinava o coração. Por essa época era noiva. Nilton se chamava o rapaz. Sonhavam em se pertencerem, almejavam a constituição de um lar feliz. Vendo-a, contudo, de sobrinhos rodeada como se seus filhos fossem, preocupou-se. Ela se lhe pareceu viúva de muitos rebentos que a acompanhariam no novo matrimônio. Não,

não quero que seja assim, pensou ele. Foi ao seu encaço e lhe disse:

- Ou eles ou eu!

Queria o noivo e os sobrinhos. Ele insistiu:

- Ou eles ou eu!

- Eles.

Quebrou-se a aliança. Ele foi embora e nunca se casou. Parece que seu coração só aceitava Jandira. A costureira seguiu com suas costuras, com seus sobrinhos e amando o Nilton.

Vicente viveu em Uberlândia, onde nasceu dia 7 de outubro de 1935 (ano da Intentona Comunista), morou também na vizinha Tupaciguara. Na terra natal fez o primário (aluno de dona Carlota no Externato Rio Branco); no colégio estadual dessa mesma cidade cursou ginásio e no segundo grau se preparou para vestibular de Medicina, vocação despertada na quarta série do ginásio. Deu-se um fato pitoresco quando decidira por essa carreira. Vicente jogava no Juvenil do Uberlândia Esporte Clube e foi a Uberaba enfrentar um time local. No correr do confronto, um atleta anfitrião a ele se dirigiu e o provocou:

- Você está pálido! Ah, já sei. O edifício do Grande Hotel produz sombra em Uberlândia e seu povo não toma sol.

A mãe do provocador pagou a conta:

- É verdade. Eu saí com sua mãe.

Indignado, decidiu: se para ser médico tiver que me formar em Uberaba, não me formarei.

Cabeça quente, como diz o povo. Formar-se-ia na “Capital do Zebu” (Uberaba) se preciso fosse, mas o fez em Belo Horizonte, diplomando-se em 1964. Vestiu a camisa do time principal do Uberlândia, sem, contudo, se profissionalizar. Também defendeu

o América belo-horizontino. Fez residência médica em São Paulo, capital, veio para Rio Verde no ano eleitoral de 19653 e integrou-se ao Hospital Santa Terezinha (fundado por Dr. Octacílio Pessoa Mendes - ver capítulo 2), do qual se tornou coproprietário (a ele se juntaram os doutores Aparício Toledo, Edsel Emrich Portilho e Júlio Emrich). Bem antes aqui se fixara Odélio para representar a empresa “Carlos Saraiva”, matriz em Uberlândia, ramo varejista de móveis e eletrodomésticos. Em 1953, Odélio pedira ao Vicente que viesse passar uns dias com ele porque sua consorte, senhora Maria Auxiliadora (Dorinha), que ao cunhado fraterno apreço endereçava, avizinhava-se da hora de dar à luz e requeria sua presença. Afetuosamente, atendeu ao chamado e assim conheceu Rio Verde, cidade pequenina, porém promissora, naquele ano administrada por Astolfo Leão Borges (vice-prefeito não havia), eleito pelo PSD de Pedro Ludovico Teixeira (casado com Gercina, irmã de Astolfo), então governador e o principal líder da política goiana, (vice-governador, Jonas Duarte). Era vice-presidente Café Filho; presidente, Getúlio, todos eleitos dia 3 de outubro de 1950.

Ainda estudava Medicina em Belo Horizonte quando um amigo seu o convidou para a festa de batizado do seu pequerrucho. De bom grado, compareceu. Foi quando seus olhos viram, pela primeira vez, a jovem Neuza Mary Freire, nascida em Ubá, interior mineiro, e escolhida para madrinha da criança. Olhares se cruzaram e suas almas se entenderam. Matrimoniaram-se no mesmo ano da sua formatura, 1964 (início da ditadura militar e décimo aniversário da morte do Getúlio). Em razão do novo estado civil, senhora Neuza adicionou Guerra ao seu nome (Neuza Mary Freire Guerra). São os pais de Adriana, pedagoga, empresária na área de ensino dos idiomas inglês e espanhol. Danielle, arquiteta; Vicente Filho, médico, major da Polícia Militar de Goiás, primeiro diretor da Faculdade de Medicina de Rio Verde, ex-venerável da

Loja Maçônica Estrella Rioverdense; Fabiana, agrônoma; Flávia, engenheira eletrônica; Marcelo, professor de Educação Física. São 14 netos, três bisnetos (até o momento da redação deste capítulo).

Depois de rejeitar convites para ingressar na Polícia Militar de Goiás, submeteu-se a concurso e foi nomeado, no ano de 1970, 1.º tenente. Aposentadoria veio em 1996, no pico da hierarquia: Coronel.

Atuou na clínica médica, primeiro especialista em cardiologia em Rio Verde. Durante doze ou quinze anos, lecionou Medicina Legal na Faculdade de Direito da Fesurv, hodiernamente, Universidade de Rio Verde. Sem remuneração, prestou assistência médica ao Esporte Clube Rio Verde. Em 1976 o município rio-verdense lhe concedeu a cidadania honorária, projeto do vereador Walter Venâncio Guimarães, da bancada da Arena (era prefeito Eurico Velloso e Bairon Pereira Araújo, vice-prefeito). No fim de 2016, em Goiânia, recebeu homenagem da Associação Médica de Goiás e a prefeitura de Rio Verde lhe entregou a Comenda Maurício de Nassau Arantes Lisboa⁴, maior honraria deste município, criada por iniciativa do prefeito Juraci Martins de Oliveira. Deu-se a solenidade no Plenário Marat de Souza⁵ do Palácio Iturival Nascimento (sede do Legislativo Municipal), na noite de segunda-feira, 28.11.2016. Presentes o prefeito Juraci, ex-prefeita Nelci Spadoni (acompanhada do esposo, Dr. Benjanin Spadoni, um dos agraciados), vereadores, ex-vereador e agora eleito para terceiro mandato, José Henrique de Freitas; familiares e amigos dos agraciados Benjamim Spadoni, Lázaro Vilela Leão, Wagner Guimarães Nascimento (Dr. Waninho, duas vezes vereador, nas duas ocasiões presidente da Casa, e dois mandatos de deputado estadual); Dr. Paulo de Tárzio Álvares e o advogado Jerônimo Carmo Moraes⁶, ausente por razões de saúde, foi representado pelo filho Jorge.

CAPÍTULO II

Dr. OCTACÍLIO PESSOA MENDES

Era do meu conhecimento que, na quarta década do século próximo passado, em Rio Verde morou o médico Octacílio Pessoa Mendes, criador do “Hospital Santa Terezinha”. Nos arquivos da “Loja Maçônica Estrella Rioverdense” há requerimento seu, em manuscrito, para ser admitido no quadro, onde declara ter nascido na vila denominada Ferreiros, município de Itambé, estado de Pernambuco, dia 22.6.1904. Filiação: José Camelo Pessoa Mendes e Luiza Gonzaga Pessoa Mendes. Ferreiros se elevou a município. Octacílio residira em Timbaúba e Floresta dos Leões, chão pernambucano, e se formou em Medicina, no ano de 1930, no Rio de Janeiro. Iniciou-se na loja em destaque dia 4.9.1937; grau 2 no dia 28 do mesmo mês e 3 na data de 22.10.1937. Nesse documento, não declarou estado civil. Elegeu-se vereador rio-verdense no primeiro dia de dezembro de 1935 e tomou posse dia 6 de janeiro de 1936. Tentei encontrar suas pegadas em Uberlândia, para onde se mudara, e tive ajuda do primo João Alberto Borges¹, há muito tempo residente nessa cidade. Ele me pôs em contato com o escritor uberlandense Antônio Pereira da Silva² e este, por força do seu propósito de servir o próximo, principalmente sendo o próximo um confrade maçônico, enviou-me o texto abaixo parcialmente reproduzido.

OCTACÍLIO PESSOA MENDES
MÉDICO

O dr. OCTACILIO Pessoa Mendes foi um dos fundadores da Sociedade Médica de Uberlândia, cf. trecho de pesquisa (não publicada) que fiz sobre o cinquentenário desta instituição:

PRIMEIRA DÉCADA

A fundação

Médicos da Santa Casa de Misericórdia de Uberlândia idealizaram e fundaram a Sociedade Médica de Uberlândia, no dia 16 de dezembro de 1945, conforme ficou registrado no Livro de Atas do Corpo Clínico daquela instituição, concisamente:

“Pela aprovação da totalidade de médicos presentes, fica fundada a Sociedade Médica de Uberlândia”.

São fundadores os doutores: Arnaldo Godoy de Souza, Eduardo Velloso Viana, Klaus Mirim Rudolph, Horácio Izeckson, Luiz Gonzaga Pimentel Arantes, Euclides Gonzaga de Freitas, Mário Sauerbrow, Waldemar Veloso Soares, Longino Teixeira, Laerte Vieira Gonçalves, Mário Marques da Silva, Miron de Menezes, Octacílio Pessoa Mendes, Hélio Lima Santa Cecília, Jorge Muniz Ferreira, Tomé de Carvalho e Rubens de Carvalho.

No dia 23, no Uberlândia Clube, realiza-se Assembleia para organização da Sociedade Médica de Uberlândia – SMU, quando é aclamada uma Comissão Organizadora. Até fevereiro de 1947 nada realizado. Faz-se nova reunião no dia 4 de fevereiro, na sede da Associação Comercial, Industrial e Agro Pecuária de Uberlândia – ACIAPU, que ficava na avenida João Pinheiro, n.º 320, e elege-se uma Diretoria Provisória constituída dos seguintes:

Presidente – dr. Klauss Mirim Rudolph

1.º Secretário – dr. Roosevelt Ribeiro

2.º Secretário – dr. Fausto Guimarães Savastano

1.º Tesoureiro – dr. Mário Terra

2.º Tesoureiro – dr. Waldemar Veloso Soares.

Conselho Consultivo – drs: Bolivar Ribeiro, José Bonifácio Ribeiro, Lourival de Queiroz, Vicente Paulo de Paiva e Luiz Gonzaga Pimentel Arantes.

Dia 18 de março de 1947, Assembleia Geral elegeu a primeira diretoria e o Conselho Consultivo, empossada na mesma data. E Antônio Pereira conclui dizendo que dr. Octacílio Pessoa Mendes não fez parte da diretoria provisória, mas se integrou na oficial no cargo de segundo-tesoureiro. Até 1972 ocupou vários cargos. Foram onze gestões. Foi sete vezes membro do Conselho Consultivo. Foi Segundo Tesoureiro, Segundo Vice-Presidente, Segundo Secretário e Primeiro Secretário num total de 22 anos de atividades sociais.

Confiou-me Dr. Vicente, para tirar cópia, carta a ele destinada pela senhora Maria Therezinha Mendes de Melo, filha do Dr. Octacílio, remetida, de Santos, onde residia, data de 10.2.2010. Essa missiva responde indagações formuladas pelo destinatário, por telefone, como abaixo se vê:

Natural de Ferreiros, Pernambuco, nascido dia 22.6.1904. Falecimento: 23.1.1985. Não menciona onde. Estudou o ginásio em Recife, ingressou no curso de Medicina da Universidade Federal da Praia Vermelha, na cidade do Rio de Janeiro, em 1925, e nela se formou dia 20.12.1930. Registra que ele em Rio Verde

Este livro foi impresso pela gráfica Forma Certa
para Editora Recanto das Letras
em março de 2018

FILADELFO BORGES DE LIMA, 73 anos, curso superior incompleto (Letras), auditor fiscal aposentado do Estado de Goiás, é autor de vários livros voltados para a memória do sudoeste goiano, notadamente de Rio Verde, onde reside desde 1973, e de Jataí, onde nasceu dia 31.7.1944. Liderou a fundação da “Academia Rio-Verdense de Letras, Artes e Ofícios” e do “Instituto Histórico de Rio Verde”. Este não está de fato instalado. É presidente do “Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Rio Verde”.

Foi comerciário, radialista em Jataí, repórter de jornal em Goiânia, assinou inúmeros textos na imprensa (atualmente o faz para o “Diário da Manhã”, de Goiânia). Redige e apresenta “Minha História em Rio Verde”, na “Minha 96-FM”, nesta cidade. Seu ingresso no Fisco ocorreu em 1970, depois de aprovado no concurso de exator no ano de 1968. Aposentou-se no ano 2000. Teve destacada participação na política da classe fiscal.

É casado com Ilsa Rezende Machado Lima, natural de Mineiros, Goiás. O casal tem dois filhos, uma filha, duas noras, um genro, duas netas e um neto.

EDITORA RECANTO DAS LETRAS

ISBN 978-85-69943-75-4



9 788569 943754